

ESTUDO DE VIABILIDADE DE UMA BIBLIOTECA COLABORATIVA NA ÁREA CENTRAL DE CAXIAS DO SUL

Débora Deon Raug^a, Karen Menger da Silva Guerreiro^b

^a Acadêmica no Curso de Administração do Centro Universitário da Serra Gaúcha.

^b Doutora em Administração, professora do Centro de Negócios da FSG.

Resumo

A economia colaborativa é uma prática cada vez mais presente como forma de combater o consumismo desenfreado. Neste meio, existem as bibliotecas colaborativas, também conhecidas como bibliotecas comunitárias ou populares, que são bibliotecas sem custo com a finalidade de disseminar cultura. Neste artigo, serão analisados os hábitos de consumo de livros da população caxiense para avaliação de viabilidade de implementação de uma biblioteca colaborativa em área central. Para aprofundamento no tema, foi realizada pesquisa bibliográfica e duas bibliotecas foram entrevistadas. Posteriormente, foi elaborado e aplicado um questionário para análise dos hábitos dos leitores presentes na cidade, bem como averiguar o perfil dos leitores que sentem a necessidade de uma biblioteca colaborativa.

Palavras-chave:

Consumo Colaborativo. Economia Compartilhada. Compartilhamento. Biblioteca Colaborativa.

1 INTRODUÇÃO

O consumo colaborativo é um manifesto ao hiperconsumo e abrange múltiplas dimensões sociais como os valores, práticas e hábitos do consumo. A importância do consumo colaborativo torna-se ainda mais evidente no cenário econômico brasileiro de recessão, no qual os aplicativos de compartilhamento oferecem à população práticas econômicas disruptivas, onde o usuário pode optar pela partilha de objetos físicos, troca de serviços e de conhecimentos. Neste meio, existem diversos aplicativos e plataformas para trocas e doações de livros, além das bibliotecas colaborativas.

Ainda sobre consumo de livros, o descarte incorreto destes é um problema ambiental. Em 2013, a estimativa é de que eram descartados anualmente cerca de 150 mil toneladas de papel provenientes apenas de livros didáticos. Em Caxias do Sul, no ano de 2008, a CODECA

divulgou que sua biblioteca já estava com um acervo de mais de cinco mil volumes, sendo pelo menos 50% dos livros vindos de coleta do lixo.

De acordo com a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2016), uma média de 56% da população brasileira é composta de leitores. Esta pesquisa foi aplicada a uma amostra de 5.012 respondentes, acima de cinco anos de idade, residentes de 315 municípios brasileiros, e informa que 51% dos leitores têm acesso a livros pegando-os emprestados, seja de conhecidos ou de bibliotecas.

Desta forma, a implementação de uma biblioteca colaborativa pode facilitar o consumo de literatura sem necessidade de gastos monetários, diminuindo a compra de livros e, conseqüentemente, a quantidade de livros descartados. Podendo também resultar em um impacto social positivo, ampliando o acesso a leitura para pessoas que não tem condições de adquirir livros novos ou não dispõem de espaço para armazená-los.

A pesquisa a seguir busca avaliar a viabilidade de instalar uma biblioteca colaborativa na região central de Caxias do Sul. Para isso, faz-se necessário averiguar os impactos ambientais decorrentes do descarte incorreto de livros, mapear as bibliotecas colaborativas já existentes na área a ser estudada, entender seu funcionamento e mensurar a adesão, além de investigar hábitos de consumo dos leitores presentes na região.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta algumas informações pertinentes para a compreensão do que é e como funciona uma biblioteca colaborativa.

2.1 Consumo na história

No início da civilização, o consumo limitava-se a suprir necessidades básicas de sobrevivência, através de coleta e trocas. Conforme as civilizações foram evoluindo e criando-se centros urbanos, o consumo voltou-se também para a satisfação de desejos, e não mais apenas necessidades. O ato de consumir intensificou-se após a Revolução Industrial, que possibilitou a produção em massa de itens que antes eram produzidos de forma artesanal, mais caros e voltados para as pessoas das classes mais altas (SOUZA, 1990).

Pesquisas realizadas pela WWF, em parceria com a Sociedade Zoológica de Londres e a *Global Footprint Network* em 2012, apontam que ao longo de 40 anos (de 1970 até a data da pesquisa), houve um declínio de 60% da biodiversidade mundial, em função do aumento de

demanda de produção gerado pela crescente população mundial. Esta pesquisa deixa claro que o consumo atual já tomou proporções insustentáveis. Conforme citado anteriormente, o descarte de livros didáticos é responsável sozinho por 150 mil toneladas de lixo ao ano.

2.2 Consumo Colaborativo

A preocupação com o hiperconsumo e suas consequências gerou, como resposta, o consumo colaborativo, que busca solucionar a escassez de recursos através de um consumo mais sustentável. Assim, nasceram diversos modelos de negócios focados em compartilhamento, trocas e empréstimos. Mont (2004) aponta que, mesmo a modernidade tendo tornado as pessoas mais individualistas, elas permanecem tendo necessidade de pertencer a grupos, e a economia compartilhada permite isso, principalmente em função de muitas das trocas ocorrerem através de aplicativos e redes sociais.

De acordo com Carvajal (2018), essa conectividade e a possibilidade de compartilhamento são desafiadoras, pois quebram paradigmas. O fato de as pessoas trocarem serviços sem necessariamente visarem lucros muda a forma como a economia funciona, e desafia a entender como o consumo se dará nos próximos anos.

A economia compartilhada se dá através da criação de redes de pessoas com interesses em comum, que geram ações coletivas tendo como pilar a confiança mútua. Desta forma, criou-se “um sistema em que as pessoas dividem recursos sem perder liberdades pessoais apreciadas e sem sacrificar seu estilo de vida.” (BOTSCHAN e ROGERS, 2011, p. 19).

Com relação à confiança, o Brasil tem algumas barreiras, conforme aponta DaMatta (1997) quando cita a desconfiança no sistema legal, o “jeitinho brasileiro” e a malandragem. Em contrapartida, algumas características dos jovens brasileiros são consideradas facilitadores para o consumo colaborativo. A atual geração de jovens já nasceu conectada à internet e se desenvolveu mais consciente quanto à sustentabilidade e compartilhamento. Ao contrário das gerações anteriores que davam muita importância a possuir bens, a atual geração se preocupa mais com a utilidade e não com posse. Por exemplo, alugando, emprestando e trocando em vez de comprar, e contratando serviços que possibilitam os benefícios sem necessidade de adquirir coisas (como Uber, que possibilita transporte em veículo privado sem comprar um carro, e Netflix que permite assistir filmes e séries sem ter que comprar DVDs ou mesmo sem necessidade de ter televisão, pois pode ser acessado por computadores e *smartphones*).

No Brasil, o primeiro portal de consumo colaborativo foi o DescolaAí (2012). O site surgiu da preocupação dos idealizadores com a pressão ambiental que o consumo gera, e a

grande quantidade de produtos sem uso. Desta forma, o DescolaAí serve para reunir quem tem um objeto sem uso àqueles que precisam do produto, evitando demanda de um produto novo e uso de mais matérias-primas na produção, incentivando o consumo colaborativo e ações sustentáveis. O site se descreve como um serviço online de troca e venda de produtos e serviços entre amigos, familiares e comunidades. Apenas neste portal, existem 102.500 itens cadastrados. E existem diversas outras plataformas com a mesma finalidade. Em formato parecido, existe a plataforma Tem Açúcar? que une pessoas por bairro para empréstimo ou doação de itens.

Com relação a literatura, a plataforma Livra Livro possui 70 mil livros disponíveis e mais de 100.000 usuários cadastrados. Nesta plataforma, publica-se a lista de livros disponíveis para troca. Ao entregar o livro para o interessado, o usuário acumula pontos que poderá usar para adquirir um livro da lista de outros usuários.

2.3 Cultura brasileira

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo IPL, publicada em 2016, aponta que uma média de 56% da população brasileira é formada por leitores (neste caso, considera-se leitor o indivíduo que leu, parcial ou integralmente, pelo menos um livro nos últimos três meses).

Desses leitores, a principal motivação para a leitura é o gosto pelo hábito de ler. A partir dos 18 anos, os leitores também são motivados por atualização cultural e, a partir dos 50, muitos afirmam ler por motivos religiosos. Os respondentes com escolaridade Superior têm alta incidência de leitura por atualização profissional ou exigência no trabalho.

Até os 15 anos, os leitores escolhem livros baseados na capa e, a partir desta idade, a motivação para a escolha do livro é o tema abordado.

Os gêneros mais lidos, independentemente de idade e escolaridade são Bíblia, livros religiosos, contos, romances e livros didáticos, e livros técnicos a partir dos 18 anos. Os respondentes de mais de 50 anos lêem principalmente a Bíblia.

De todos entrevistados que foram perguntados se gostariam de ter lido mais, 23% disseram que não. Dos que gostariam de ter lido mais, 43% afirmam que a barreira foi falta de tempo.

A maioria dos entrevistados compra seus livros. Em seguida, as formas de acesso a livros mais mencionadas são presentes e empréstimo de familiares e amigos. As pessoas que compraram livros são em maior parte estudantes de ensino superior, de famílias de alta renda.

A maioria dos respondentes compra em livrarias físicas, bancas de jornal e, em terceiro lugar, em livrarias online.

Conforme a Pesquisa, existe uma relação direta entre renda familiar/classe social e hábitos de leitura. Na classe A, 76% são leitores, sendo que na classe E o índice cai para apenas 40%.

A pesquisa também avalia a percepção dos respondentes sobre bibliotecas. 71% dos entrevistados consideram a biblioteca um espaço para estudo, e não para empréstimo de livros. Além disso, apenas 26% das pessoas pensam que as bibliotecas são espaços para todas as pessoas. 36% das pessoas afirmam que não existe biblioteca pública na cidade onde residem. Quando se fala de biblioteca comunitária, o número aumenta para 73%. De todas as pessoas que freqüentam bibliotecas, 55% somente vão à biblioteca escolar ou universitária. Destes, 65% afirmam ir à biblioteca para pesquisar ou estudar. Das pessoas que afirmam não freqüentarem bibliotecas, 35% são estudantes.

2.4 Biblioteca Colaborativa

O termo biblioteca colaborativa, apesar de novo, refere-se ao mesmo modelo de organização das bibliotecas populares. Badke usa o termo “popular” para descrever “o que é feito pelo povo e para o povo, compreendendo por isso sua efetiva participação” (BADKE, 1984, p. 18). Essas bibliotecas têm como objetivo, de acordo com Costa (2004), dar acesso à leitura a toda comunidade. Assim, elevando o nível cultural, social e político dos indivíduos, resgatando a dignidade da população.

Badke também afirma que as bibliotecas populares surgem do trabalho, necessidade e vontade da população. Existem através do esforço das pessoas com o objetivo de transformar a realidade de onde vivem. Por se tratar de uma movimentação realizada na comunidade, pela comunidade, pouco se tem escrito sobre isso, como aponta Sá (2007) em seu trabalho de conclusão de curso de Biblioteconomia. Através de observação e diversas análises, Machado (2009) aponta como características fundamentais das bibliotecas colaborativas (ou populares, ou comunitárias) a autonomia, a flexibilidade e a articulação local. Além disso, um aspecto importante a ser observado é que está mais ligada a ação cultural do que organização de informação (caso das bibliotecas universitárias, por exemplo).

Em seu artigo, Machado aponta que universidades estão estimulando seus alunos de Biblioteconomia e Ciência da Informação a produzirem Trabalhos de Conclusão de Curso sobre bibliotecas comunitárias, o que demonstra o interesse das instituições em entender o

papel desses órgãos com relação ao desenvolvimento local e transformação social nas comunidades onde estão inseridos.

Rabello (1987, p. 38) diz que as bibliotecas comunitárias são feitas de baixo para cima, ou seja, a partir das necessidades do público. Almeida Júnior (1997) se aprofunda mais na definição, a fim de diferenciar este novo modelo das bibliotecas públicas. As principais particularidades apontadas são:

- São resultado de ação cultural, criadas pela e não para a comunidade;
- São ferramentas de luta pela igualdade e justiça social, combatendo exclusão informacional;
- Existe um vínculo com as pessoas em função do caráter participativo com a comunidade;
- Não são instituições governamentais, não possuem vínculo direto com Município, Estado ou Federação, bem como também não são vinculadas a Escolas ou Universidades.

A tabela a seguir foi retirada integralmente do artigo de Elisa Campos Machado (2009), publicado na Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, e foi elaborado a partir das leituras realizadas por ela.

Características	Bibliotecas Públicas	Bibliotecas Comunitárias
Fundamentação	Projeto técnico	Projeto político social
Legitimidade	Dada pelas leis	Dada pelo grupo
Estrutura	Vinculada a órgão governamental	Vinculada a um grupo de pessoas, podendo ou não ser parceira ou ter apoio de órgãos públicos e privados
Hierarquia	Rígida – altamente hierarquizada	Mínima – flexível
Equipe interna – Constituição	Funcionários da Administração Pública, alocados no equipamento independente do seu vínculo local	Membros da comunidade
Equipe interna – Postura	Dependência	Autonomia

Quadro 1 - Quadro comparativo entre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Comunitárias.
Fonte: Machado (2009).

Após essa análise, ela conclui que essas bibliotecas podem ser conceituadas como “empreendimentos sociais que surgem do desejo e da necessidade de um determinado grupo de pessoas em ter acesso ao livro, à informação e à prática da leitura num real exercício de cidadania.” (MACHADO, 2009, p. 91). Esse grupo em questão pode ser formado por qualquer tipo de pessoas com interesses e/ou características em comum. Ou seja, as bibliotecas comunitárias ou colaborativas podem focar em estudantes, em especialistas de

alguma área de conhecimento, em membros de comunidades carentes, dependendo do cenário onde estão inseridas e do propósito a que pretendem servir.

De acordo com Sarti, Guiraldelli e Vicentini (1984), o propósito dessas bibliotecas, que eles chamam de “Alternativas”, é de atender a comunidade; incentivar o hábito da leitura; tornar a biblioteca parte da comunidade e conscientizar a população sobre a preservação de um bem público.

Já Lima (1982) defende que as bibliotecas públicas devem atender pessoas menos privilegiadas. Geralmente as bibliotecas se localizam mais em áreas urbanas, mas deveriam ter como objetivo ampliar o atendimento também a comunidades rurais.

3 METODOLOGIA

A metodologia tem por objetivo dar embasamento para o que será exposto. Neste caso, a pesquisa foi utilizada para obter mais informações sobre o funcionamento de bibliotecas colaborativas e sobre a viabilidade de implementação de uma biblioteca colaborativa em Caxias do Sul. A pesquisa teve duas abordagens, sendo: descritiva que segundo Cervo e Bervian (1983) busca determinar status, opiniões ou projeções futuras; e exploratória que, de acordo com Gil (2007), objetiva a familiarização com o tema estudado, tentando torná-lo mais explícito, visando construir hipóteses (neste caso, a viabilidade de uma biblioteca). A coleta de dados da pesquisa exploratória se deu através de entrevistas com pessoas que possuem experiência com a administração de bibliotecas colaborativas e análise de exemplos. Após, foi elaborado um questionário, que foi aplicado para obtenção de maiores informações, para a coleta de dados da pesquisa descritiva.

A abordagem é quantitativa e qualitativa. A abordagem quantitativa busca quantificar as variáveis estudadas através de amostragens e analisar os dados obtidos, obtendo esclarecimento sobre o tema pesquisado (Casarin e Casarin, 2012). Na pesquisa quantitativa, os resultados podem ser mensurados, tendo um enfoque mais objetivo, conforme Fonseca (2002). Já a pesquisa qualitativa não se preocupa com números, mas com o aprofundamento no tema. Sendo assim “um estudo não estatístico que identifica e analisa profundamente dados não mensuráveis”. (PINHEIRO et al, 2004, p. 125).

3.1 População e amostra

População segundo Diehl e Tatim (2004) pode ser definida como um conjunto de elementos que tenham características possíveis de serem mensuradas, a fim de quantificar variáveis específicas. Amostra é uma parte da população avaliada.

A população é formada por leitores na cidade de Caxias do Sul que freqüentam a área central da cidade. Não foi possível determinar a população exata pois não se sabe a quantidade de caxienses que circulam pela área central da cidade. Entretanto, segundo o IBGE, em 2017 Caxias tinha uma estimativa de 483.377 habitantes. Usando a média de 56% mencionada anteriormente, 270.691 desses são considerados leitores. Esse número foi utilizado em uma calculadora amostral disponibilizada pelo site Survey Monkey, com 95% de confiança, 5% de margem de erro e a amostra necessária é de 384 respondentes. O questionário foi divulgado e, após sete dias de coleta, atingiu 207 respondentes, reduzindo, assim, a margem de confiança para apenas 85%.

3.2 Coleta de dados

Para realização deste artigo foram realizadas duas pesquisas. A pesquisa exploratória depende de um conhecimento inicial sobre o tema, que se dá geralmente através de pesquisa bibliográfica e, posteriormente, a busca por informações mais aprofundadas, que ocorre através de entrevistas, documentos e/ou observação (Quivy e Campenhoudt, 1995). No presente trabalho, foi elaborado um roteiro de entrevista, aplicado em algumas bibliotecas colaborativas de Caxias do Sul, com a intenção de complementar o conhecimento que as leituras não abordam.

Para a coleta de dados quantitativos foi elaborado um questionário de levantamento (Survey) que, de acordo com Cervo e Bervian (1983), é o tipo de pesquisa que visa determinar informações sobre práticas ou opiniões de uma população específica. O questionário conta com perguntas fechadas, em forma de formulário impresso, e seria distribuído em paradas de ônibus da área central de Caxias do Sul. De acordo com Marconi e Lakatos (2008) o questionário é um instrumento de coleta de dados com uma sequência de perguntas ordenadas, as quais devem ser respondidas sem a presença de um entrevistador.

Malhotra destaca a importância do pré-teste para averiguar a necessidade de alterar questões, avaliar se estão compreensíveis para o respondente, se estão tendenciosas, enfim, se o questionário pode ser melhorado de alguma forma (Malhotra, 2006).

As perguntas do questionário foram retiradas da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil e, portanto, já estavam validadas. Ao aplicar o questionário (pré-teste) a cinco respondentes, nenhum deles demonstrou dificuldades com relação à compreensão do conteúdo das perguntas, mas foi possível perceber desconforto ao responderem algumas perguntas (com relação à frequência de leitura e renda individual). Ao serem questionados se sentir-se-iam mais confortáveis respondendo na ausência do entrevistador, confirmaram.

Desta forma, o conteúdo do formulário foi mantido mas, em vez de aplicar questionário impresso na região central de Caxias do Sul, conforme planejamento prévio, o formulário foi realizado online solicitando que apenas frequentadores do Centro e arredores respondessem.

3.3 Análise dos dados

Para Yin (2001), uma boa análise é feita através de triangulação de dados, ou seja, quando o pesquisador busca diversas fontes de dados para a verificação das informações. Como exemplos de fontes de dados utilizadas neste artigo estão pesquisa bibliográfica, entrevistas e aplicação de questionários.

Após coleta das respostas, os dados qualitativos foram avaliados através de análise de conteúdo e, os dados quantitativos, através de análise estatística descritiva. Bardin (1977) descreve a análise de conteúdo como uma leitura além da mensagem. Ou seja, não interpreta a mensagem “ao pé da letra”, mas extrai conteúdos por trás da mensagem analisada, trazendo à luz o que está em segundo plano. Laville e Dione (1999) afirmam que a análise de conteúdo procura esclarecer as diferentes características e significados do conteúdo avaliado, mas que não pode ser tratado como um método rígido. Leia-se, percorrer as etapas da análise não garante a obtenção do resultado desejado.

O objetivo de pesquisas quantitativas é “quantificar” dados para obter respostas generalizadas com relação a uma amostra. O ideal é coletar o maior número possível de respondentes para que a amostra seja representativa. Os dados devem ser analisados utilizando estatística (Malhotra, 2006).

De acordo com Rosenberg (1976), as variáveis devem se relacionar, para chegar a novos dados. Essas relações podem se dar de três maneiras: quando a variável não tem influência sobre a outra se chama de relação simétrica, quando uma variável tem influência sobre a outra se chama relação assimétrica, e quando ambas variáveis podem se influenciar se chama relação recíproca.

A estatística descritiva tem por objetivo representar a informação contida em um conjunto de dados, de forma compreensível e concisa (Marconi e Lakatos, 1996). Realiza-se esta tarefa através da elaboração de tabelas e de gráficos, além de cálculos de indicadores, quando necessário.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os dados que foram coletados através da aplicação de entrevista, pré-teste e questionário.

4.1 Análise dos Resultados das Entrevistas

A primeira etapa da pesquisa foi a realização de entrevistas com administradores de bibliotecas colaborativas já existentes na área central de Caxias do Sul. Ambas bibliotecas ficam localizadas dentro de cafeterias e as respostas foram semelhantes.

A biblioteca localizada no Alouca Café existe há pouco mais de um ano, desde a abertura da cafeteria, e surgiu da vontade da companheira da proprietária de incentivar o consumo colaborativo e as trocas, além de deixar o ambiente mais aconchegante. A biblioteca localizada no Café com Mistura existe há dois anos, e foi implementada após o proprietário da cafeteria conhecer esse modelo de biblioteca em restaurantes que freqüentou fora do país.

Com relação ao funcionamento, as duas bibliotecas são semelhantes: o público que troca livros é formado majoritariamente por clientes do estabelecimento, não existe catálogo dos livros presentes na biblioteca nem controle de entradas e saídas de livros. Desta forma, nenhum dos locais tem estimativa de circulação dos livros para mensurar a adesão do público. Ambos locais pretendem ampliar a biblioteca colaborativa, pois o volume de livros sempre aumenta (em função de doações que recebem). Nenhum dos responsáveis pela biblioteca mensurou custos relacionados à biblioteca já que não abrem mão de proporcionar um espaço de lazer para seus clientes.

4.2 Análise das Respostas dos Questionários

Após validado, o questionário foi aplicado através de formulário online, divulgado pelo *facebook*, grupos de *whatsapp* e compartilhamento de *link* pelos respondentes a seus amigos e familiares. Alguns formulários foram impressos e distribuídos aos alunos do

SENAI, que preencheram conforme orientações do professor, de forma anônima, sem a presença do entrevistador.

Foram coletadas 207 respostas, sendo 148 mulheres e 59 homens. Do total de respondentes, 59,4% têm entre 21 e 34 anos e 23,7% tem entre 15 e 20 anos. A média de idade geral é de 28,74 anos. Em média, os respondentes homens são mais velhos (29,27) do que as mulheres (28,53).

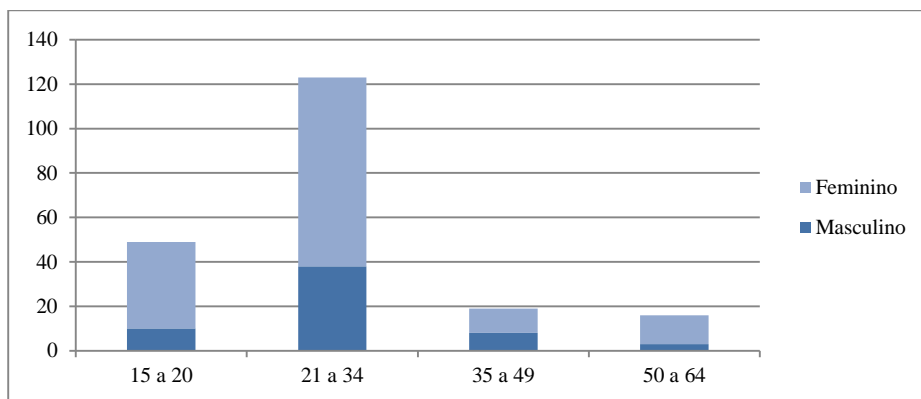


Gráfico 1: Idade.
Fonte: Pesquisa.

Com relação a renda, a média de salário é de R\$ 1.832,31 sendo que a média masculina é superior em torno de R\$ 15,00. Com relação à escolaridade, os respondentes com ensino superior (seja completo ou em andamento), possuem uma renda maior. Os respondentes com renda até R\$ 954,00 são, em maioria, estudantes do Ensino Médio.

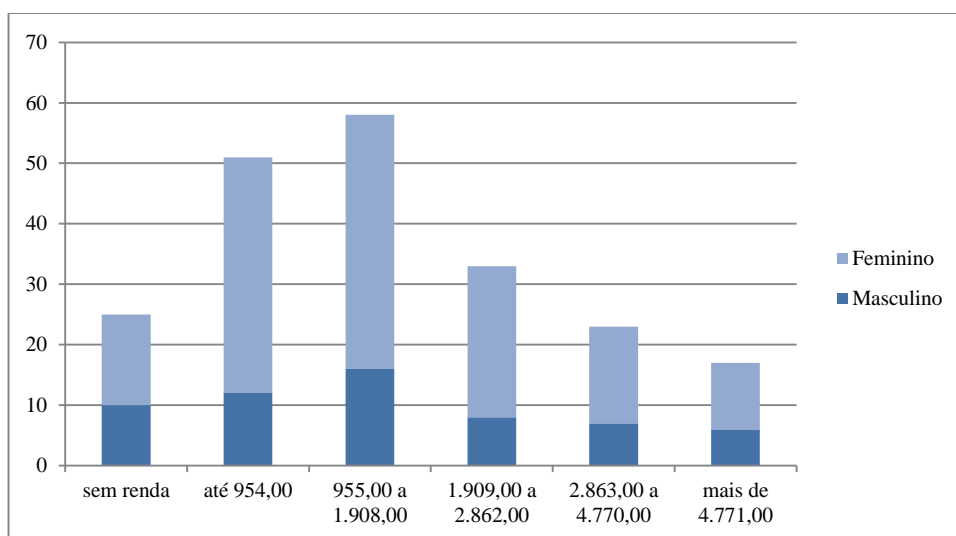


Gráfico 2: Renda
Fonte: Pesquisa

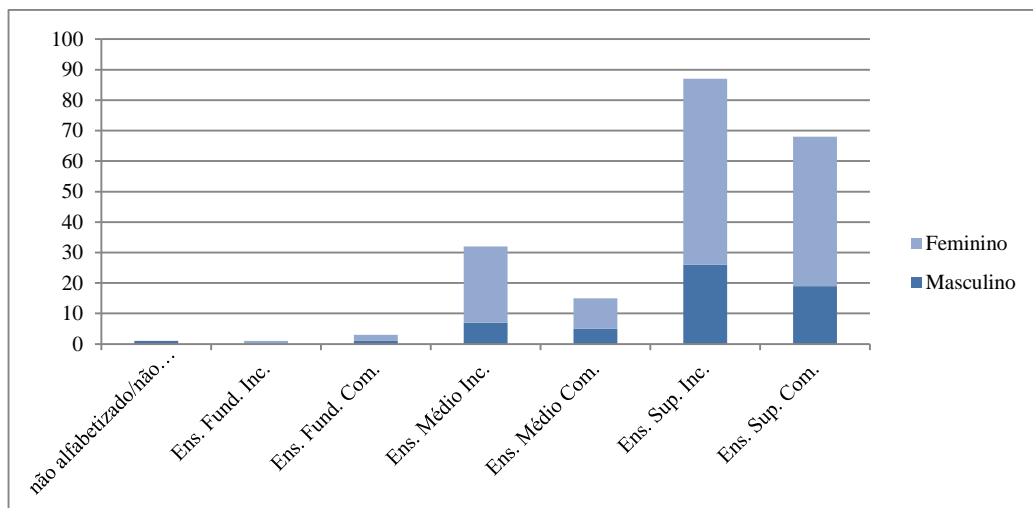


Gráfico 3: Escolaridade
Fonte: Pesquisa

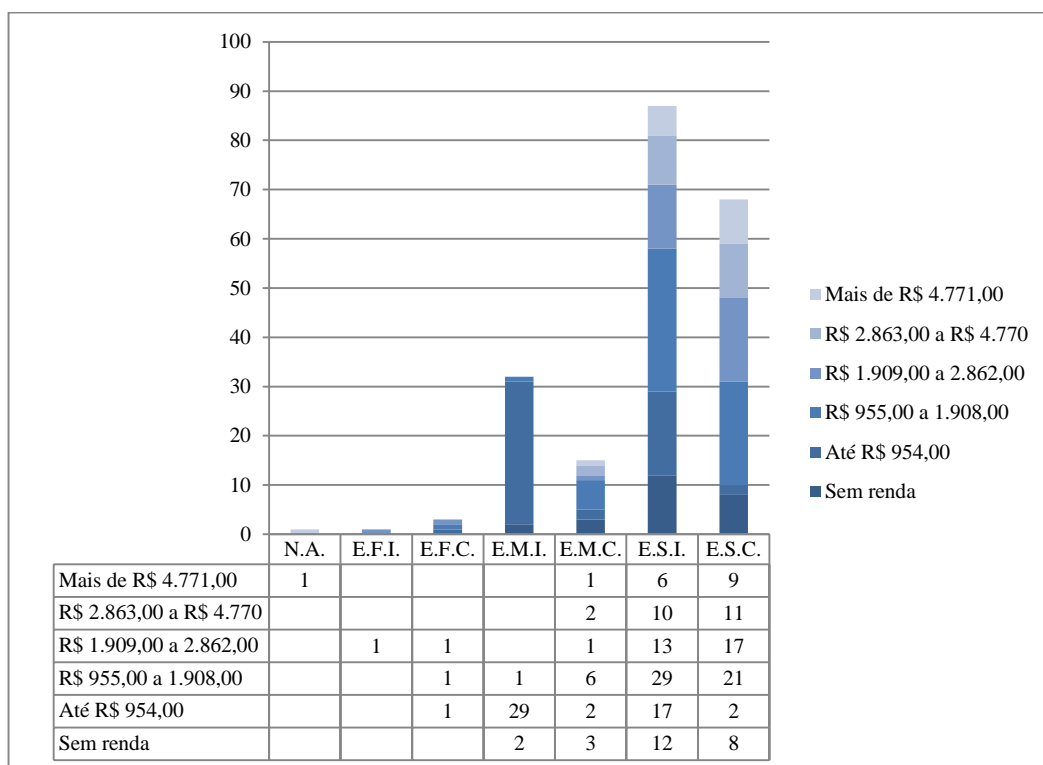


Gráfico 4: Renda por escolaridade
Fonte: Pesquisa

74,9% dos respondentes têm ensino superior, sendo 42% ainda em andamento e 32,9% já graduados. De 15 a 20 anos, todos são estudantes, sendo 61% matriculados no Ensino Médio e o restante no Ensino Superior. Nesta faixa etária, não se percebe padrão de consumo de livros com relação à renda ou escolaridade. Os números são bastante variados, mas os respondentes do sexo feminino lêem mais.

A média de livros lidos, no geral, é de 4,84 livros ao ano. Separando por gênero, os homens lêem em média 4,52 livros por ano, enquanto a média das mulheres é de 4,97.

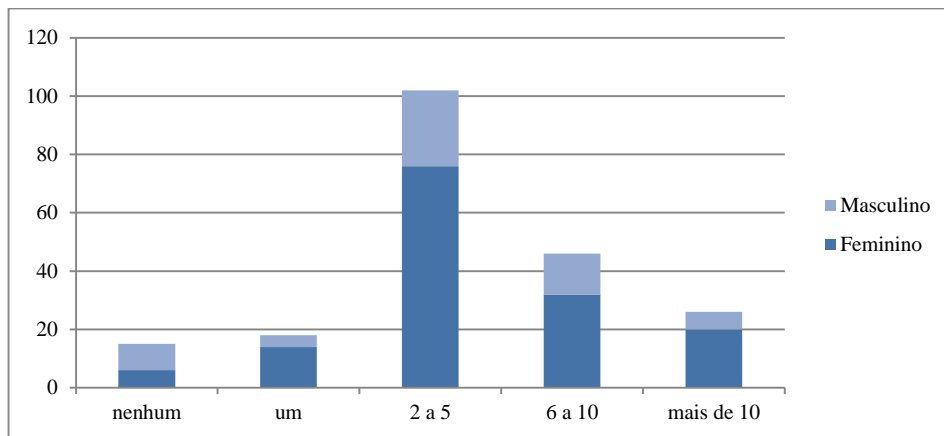


Gráfico 5: Quantidade de livros lidos por ano
Fonte: Pesquisa

Já nos respondentes de 21 a 34 anos no sexo feminino, percebe-se um aumento da quantidade de livros lidos proporcionalmente à renda e escolaridade. As respondentes que leram mais de 10 livros no período de um ano têm ensino superior completo, ou estão cursando o ensino superior. Com relação à classe social, respondentes que recebem até dois salários mínimos lêem, em sua maioria, de 2 a 5 livros ao ano. Acima de dois salários mínimos, informaram ler 6 a 10 ou mais de 10.

Com os homens, ocorre o inverso. Os homens de 21 a 34 anos sem renda lêem uma quantidade maior de livros (6 a 10 ao ano), com renda até dois salários são os que mais responderam terem lido mais de 10 livros e, acima de três salários, baixou para 2 a 5 livros, um ou nenhum. Estes homens disseram que gostariam de ter lido mais livros, o que não foi possível por falta de tempo.

Mulheres de 34 a 49 anos têm hábito de leitura proporcional à renda, homens desta mesma faixa etária lêem muito menos do que os mais novos (2 a 5). O único homem que respondeu ler mais de cinco livros ao ano é estudante do Ensino Superior. Acima de 50 anos, a média de livros lidos aumentou para ambos gêneros, e independe de classe social. Fator de influência nesse caso é escolaridade. Respondentes com apenas ensino fundamental não lêem ou lêem muito pouco (um ou nenhum livro no período de um ano).

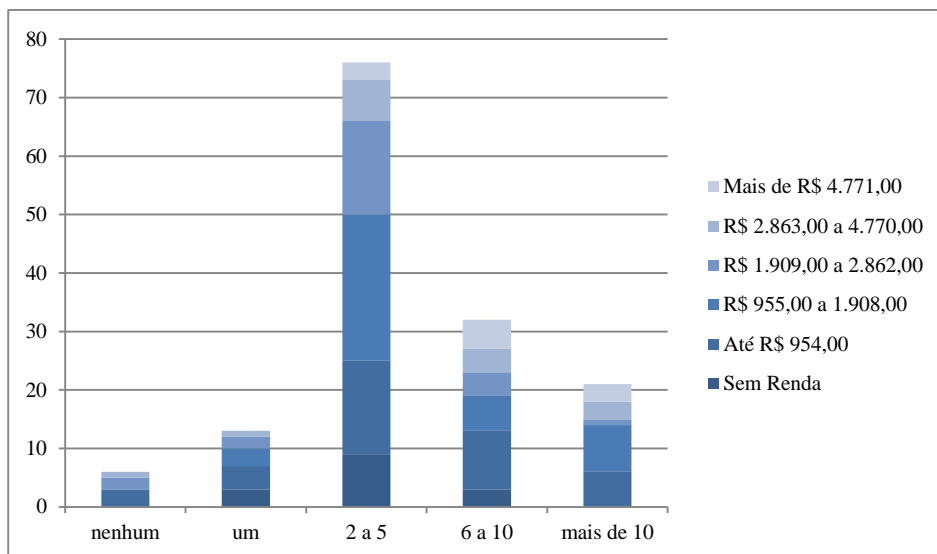


Gráfico 6: Quantidade de livros lidos por ano, por renda, feminino
Fonte: Pesquisa

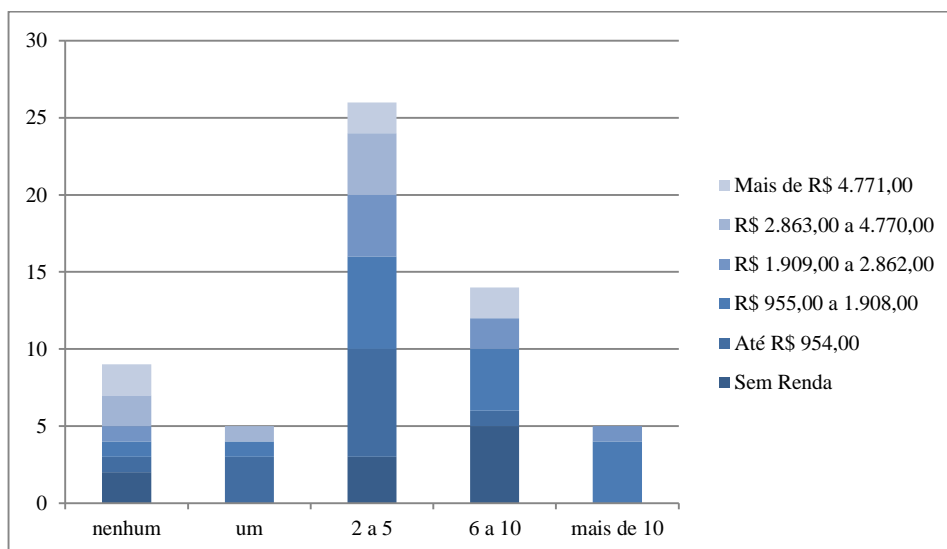


Gráfico 7: Quantidade de livros lidos por ano, por renda, masculino
Fonte: Pesquisa

Dos 207, 163 costumam ler livros e 132 estão lendo algum livro atualmente. Os cinco gêneros mais lidos, independente do perfil dos respondentes são romance, ficção, história/economia/política/filosofia/ciências sociais, técnicos/universitários e contos. A principal razão apontada como motivo para ler é gosto, seguido por crescimento pessoal. Apenas 24 respondentes afirmam ler por “obrigações” (tais como exigência escolar, profissional ou religiosa).

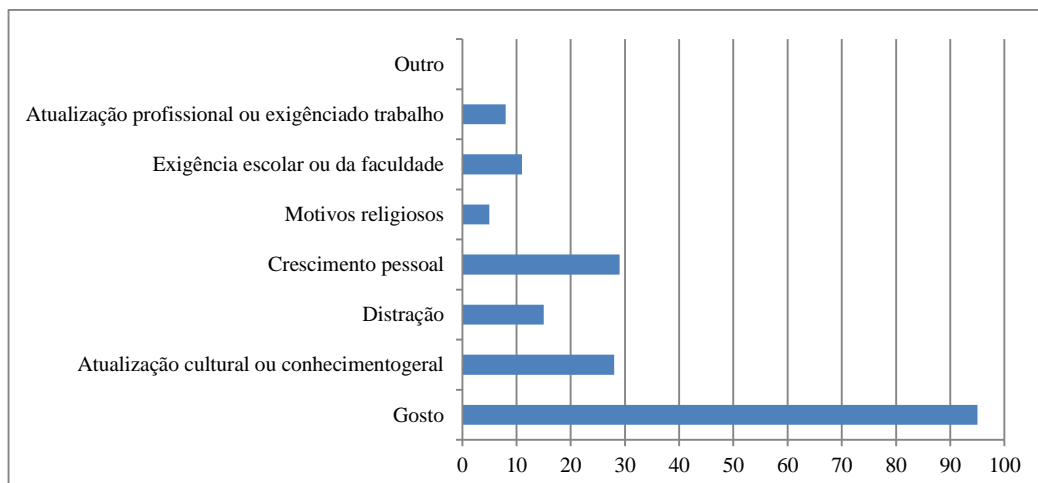


Gráfico 8: Razão para ler
Fonte: Pesquisa

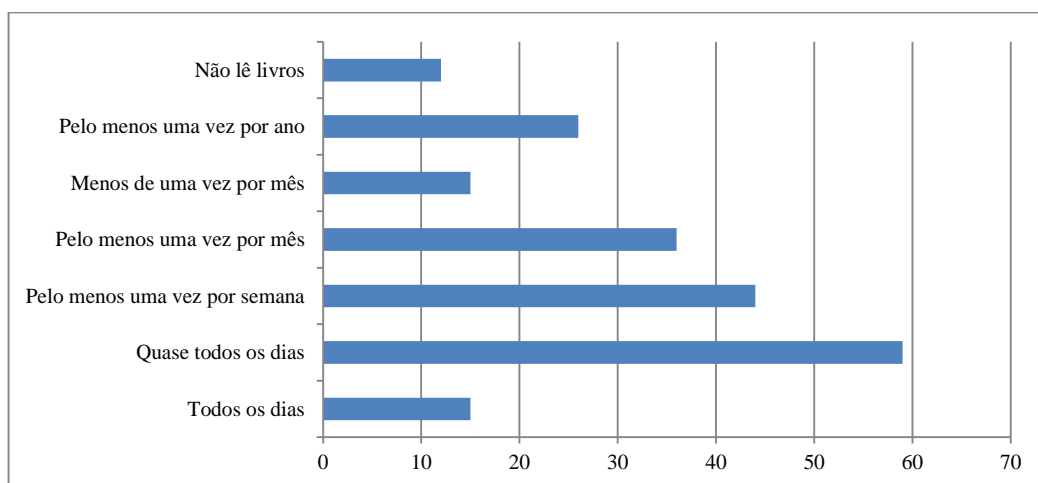


Gráfico 9: Frequência
Fonte: Pesquisa

A esmagadora maioria de respondentes gostaria de ter lido mais (apenas 8 respondentes disseram que não), e os motivos mais citados para não terem lido mais são, em ordem decrescente, falta de tempo, porque preferem outras atividades (neste momento, muitos citaram *Netflix*) e porque se sentem muito cansados para ler depois das obrigações do dia a dia.

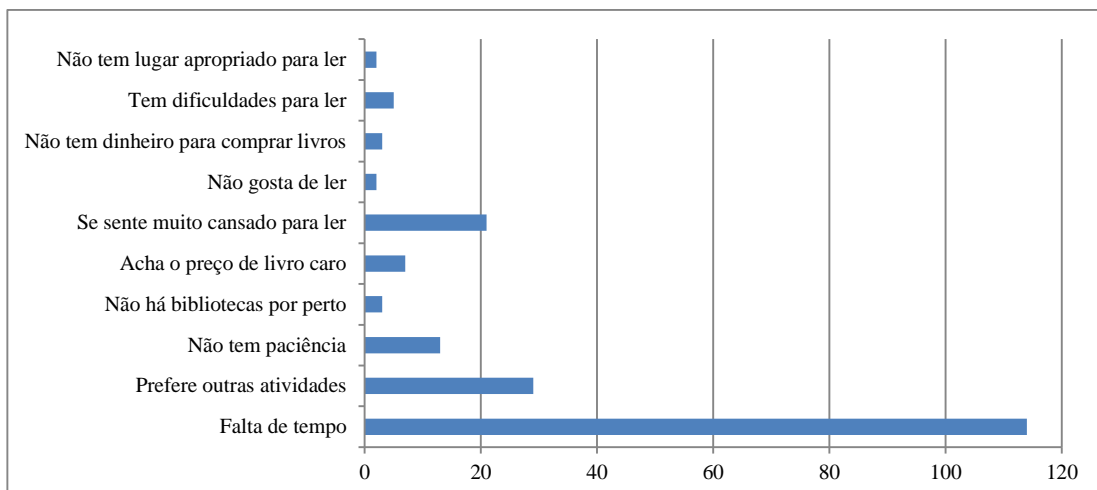


Gráfico 10: Motivos para não ter lido mais
 Fonte: Pesquisa

Em geral, os participantes da pesquisa lêem mais livros comprados (55,1%), preferência que foi citada novamente pelos que não utilizariam bibliotecas coletivas (a saber, 20,8% dos respondentes não utilizariam e, destes 56,9% deram como motivo o gosto por ter livros próprios). Em seguida, estão os livros retirados de biblioteca da escola (13%, referente aos alunos do SENAI em idade escolar), baixados da internet (10,6%) e emprestados por amigos e familiares (10,1%).

As pessoas que compram livro disseram comprar em livrarias físicas, pela internet, em sebo e em feira do livro. Após a leitura, 82,6% dos entrevistados guardam os livros em biblioteca pessoal e 43,5% emprestam para amigos ou familiares. Entretanto, algumas pessoas (26,6%) já apresentam tendências a compartilhamento e afirmam trocar por outro livro ou doar.

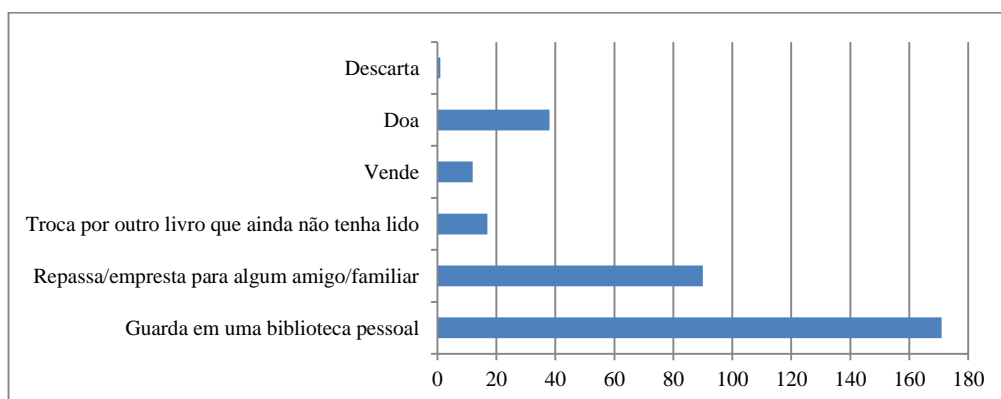


Gráfico 11: Destinação do livro após leitura
 Fonte: Pesquisa

Com relação a bibliotecas colaborativas, a grande maioria nunca utilizou, mas dizem que utilizariam se existisse alguma na área central de Caxias do Sul. Em ordem de

importância, os motivos para utilização são compartilhamento, ler livros desconhecidos, e, em terceiro lugar, economia financeira. Os motivos para a não utilização de uma biblioteca colaborativa são: 56,9% gostam de ter livros próprios, conforme citado anteriormente; 22,4% não costumam ler; 13,8% não consideram prático carregar livros pelo centro e 6,9% preferem ler livros novos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das entrevistas realizadas às bibliotecas colaborativas já existentes em Caxias do Sul, ficou claro que é muito simples administrar uma biblioteca colaborativa de troca de livros, pois demanda pouca burocracia e os próprios usuários fazem as trocas e alimentam a biblioteca com novos títulos. Porém, como ficam dentro de cafeterias e são bem informais, sem nenhum tipo de catálogo ou cadastro, não foi possível mensurar a adesão e utilização por parte do público. O fato de ficarem dentro de cafeterias permite concluir que as pessoas que utilizam os serviços não foram lá buscando por isso, mas foram surpreendidas e passaram a utilizar.

Através da aplicação do questionário, foram verificados os hábitos de consumo de leitura dos caxienses que frequentam o centro da cidade, bem como seu perfil. Cruzando os dados, foi possível entender quem são os maiores consumidores de livros entre os entrevistados, a média de livros lidos e as preferências de consumo. O perfil médio dos respondentes é de pessoas com idade entre 21 e 34 anos, com renda individual de um a dois salários mínimos, Ensino Superior em andamento, que lêem a média de 4,84 livros ao ano. A pesquisa também permitiu concluir que mulheres lêem mais do que homens.

Tratando-se da relação renda X quantidade de livros lidos, mulheres apresentam proporcionalidade entre esses fatores, quanto maior a renda, maior a quantidade de livros. Homens apresentam o inverso, quanto maior a renda, menos livros lidos. Por terem respondido que gostariam de ler mais e que a falta de tempo e/ou cansaço não permitiram, fica possível interpretar que homens com renda maior dedicam mais tempo às suas carreiras e menos para atividades de lazer, como a leitura. Os homens que lêem maior quantidade de livros são aqueles sem renda ou com renda até dois salários mínimos.

Considerando-se esse fator, a biblioteca colaborativa teria um impacto social, possibilitando um local para trocas de livros, para aqueles que compram e não gostam de guardar/acumular, além de permitir o acesso à leitura àqueles que não possuem renda para adquirir livros novos e não têm acesso a bibliotecas escolares ou universitárias. Tendo como

base as respostas coletadas, as pessoas utilizariam uma biblioteca colaborativa localizada na região central.

Com relação à motivação e frequência, a maior parte dos entrevistados cultiva o hábito de ler por gostarem da atividade e costumam ler quase todos os dias. As preferências são por Romance; Ficção; História/Economia/Política/Filosofia/Ciências Sociais; Livros Técnicos ou Universitários; Contos.

Uma das motivações da realização da pesquisa era mensurar o impacto ambiental que uma biblioteca colaborativa poderia ter na região onde fosse instalada. Foi averiguado que, apesar de existir uma grande quantidade de lixo proveniente de descarte de livros, o impacto ambiental na região estudada não seria muito, visto que as pessoas que lêem e utilizariam uma biblioteca colaborativa não costumam descartar livros, mas tendem a guardar, emprestar ou doar.

A conclusão que se pode chegar é que é viável implementar uma biblioteca colaborativa em área central. Os pilares que fundamentam esta afirmação são: o fato de o funcionamento ser simples, com poucas burocracias e controles envolvidos; existe um público interessado que não utiliza as bibliotecas atuais por falta de conhecimento de sua existência; as bibliotecas existentes planejam ampliar em função de demanda dos clientes dos estabelecimentos onde estão instaladas.

No caso de instalar uma biblioteca colaborativa na área estudada, seria necessário buscar um estabelecimento comercial que cedesse espaço, visto que a biblioteca colaborativa não gera renda, mas possui custos, além de uma nova pesquisa para averiguar a utilização desta biblioteca por parte do público.

A pesquisa atual verificou que a maior parte dos interessados em uma biblioteca colaborativa são matriculados no ensino superior, portanto uma área de interesse para a instalação deste tipo de estabelecimento seria aos arredores de instituições de ensino. Entretanto, considerando-se que a amostra não é totalmente confiável, em função da margem de erro de 5% e apenas 85% de grau de confiança, deve-se reconhecer que os dados podem ser considerados tendenciosos. Desta forma, cabe ressaltar que mais estudos se fazem necessários antes da implementação de uma biblioteca colaborativa na área central de Caxias do Sul.

6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JUNIOR, O. F. de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina, Editora UEL, 1997.
- BADKE, T. **Biblioteca popular: uma experiência no bairro das Laranjeiras**. São Paulo, Palavra-Chave, 1984.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOTSMAN, R., ROGERS, R. **O que é meu é seu: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo**. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- CASARIN, H. C. S.; CASARIN, S. J. **Pesquisa Científica: da teoria à prática**. 1ª Ed. Curitiba: InterSaberes, 2012
- CARVAJAL, C., GAIOTO, D. **Economia Compartilhada: uma nova realidade no mundo dos negócios**. Disponível em: <<https://next.pecege.com>>. Acesso em: 01 abr 2018
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários**. 3ª Ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 2002.
- CODECA Notícia **CODECA expõe biblioteca com livros jogados no lixo**. Disponível em: <<http://www.codeca.com.br>>. Acesso em: 13 mar. 2018.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. 6ªEd. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DESCOLA AÍ **Sobre nós**. Disponível em: <<http://www.descolai.com>>. Acesso em 15 jun. 2018.
- DIEHL, A. A.; TATIM, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. 1ª Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa cinetífica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- IPL – Instituto Pró-Livro **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil**. 4ª Ed. São Paulo, 2016.
- LAVILLE C., DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- LIMA, E. **Biblioteca em programas de educação de adultos**. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v.11, n.2, p.133-135, 1982.
- LIVRA LIVRO. **Como funciona?** Disponível em: <<http://www.livralivro.com.br>>. Acesso em 15 jun. 2018.

MACHADO, E. C. **Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária.** Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v.7, n.1, p. 80-94, 2009.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada.** 4ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. **Fundamentos de metodologia científica.** 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados.** 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MONT, O. **Institutionalization of sustainable consumption patterns based on shared use.** Ecological Economics, v.50, n.1-2, p.135-153, 2004.

PINHEIRO, R. M., CASTRO, G. C., SILVA, H. H., NUNES, M. G. **Pesquisa qualitativa. In: Comportamento do Consumidor e pesquisa de mercado.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

QUIVY, R., CAMPENHOUDT, L.V. **Manuel de recherche en sciences sociales.** Paris: Dunod, 1995. (Traduzido por Tatiana Engel Gerhardt).

RABELLO, O. C. P. **Da Biblioteca pública à biblioteca popular: análise das contradições de uma trajetória.** Revista da Escola de Biblioteconomia, v.16, n.1, p.19-42, 1987.

Revista O Papel. ABTCP 2013 – Trabalhos Mais Bem Pontuados. **A influência da homogeneidade das aparas na reciclagem do papel.** Disponível em: <<http://www.revistaopapel.org.br>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

ROSENBERG, M. **A lógica da análise do levantamento de dados.** São Paulo: Cultrix; Edusp, 1976.

SÁ, C. B. **Entre o ideal e o real: as bibliotecas da Associação Comunitária Monte Azul.** 2007. São Paulo: USP, 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SARTI, R. M., GUIRALDELLI, I., VICENTINI, L. A. **PIMPLE: projetos de implantação de pontos de leitura – bibliotecas públicas e comunitárias.** Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 17, n 3/4, p.7-23, 1984.

SOUZA, O. R. **História Geral** 5ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

SURVEY MONKEY **Calculadora Amostral** Disponível em: <<http://pt.surveymonkey.com>>. Acesso em: 13 jun 2018.

WWF Global. **Living Planet Report 2012 – Special Edition: On the road to Rio+20.** Disponível em: < <http://wwf.panda.org>>. Acesso em: 23 out. 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.